

DISCURSO E (DES)IGUALDADE SOCIAL

LARA, Gláucia Proença; LIMBERTI, Rita Pacheco (orgs). **Discurso e (des)igualdade social**. São Paulo: Contexto, 2015, 206p.

Robson Figueiredo Brito*

Ao tomar como sintagma nominal a des-igualdade social e o seu atravessamento no e pelo discurso, a obra *Discurso e (des) igualdade social*, lançada pela Editora Contexto e, organizada por Lara e Limbert (2015), pesquisadoras da área da Língua(gem), na Universidade Federal de Minas Gerais e na Universidade Federal da Grande Dourados, respectivamente, apresenta de maneira lúcida questões e situações fundamentais a respeito da voz do dominado que muitas vezes é abafada e silenciada frente aos sons ensurdecedores da dominação e do dominador em nossa Sociedade Ocidental.

Essa obra aborda por meio de onze capítulos, uma coletânea de textos e artigos de autores nacionais e internacionais, da área dos estudos do discurso e da língua(gem) que trazem elementos essenciais sobre a presença do diferente em nosso meio social.

O conteúdo dessa coletânea aponta questões referentes a relação do discurso com a identidade social e cultural, a reprodução do racismo, os eventos discursivos públicos e privados, a questão da intolerância, a política da desigualdade social brasileira, a relação dominador-dominado, a voz dos pobres, as narrativas de vida focada pela lente dos desvalidos, a voz do populismo na política latino-americana, a emoção de personagens na tela do cinema, e por fim a subjetividade discursiva presente na homossexualidade.

Em *Identidade linguística, identidade cultural: uma relação paradoxal*, de Charaudeau, nota-se uma reflexão sobre a questão da(s) identidade(s) que centram-se na questão da linguagem como o cerne da construção individual e coletiva do indivíduo. Ao correlacionar essa construção do sujeito/indivíduo com os três domínios da atividade humana: o da socialização, do pensamento e dos valores, o autor considera que a língua(gem) está no coração do processo constitutivo da identidade tanto no aspecto individual quanto no coletivo, fazendo uma referência à Lévi-Strauss, ao afirmar que o indivíduo efetua inúmeras trocas em seus grupos socioculturais, mas dotam-se de traços que vão identificando-os de modo particular.

* Mestre em Letras, linguística e língua portuguesa e Doutorando em Letras, linguística e língua portuguesa (PUC Minas). Professor do Departamento de Filosofia da PUC Minas. E-mail: robson.figueiredobrito@gmail.com.

Na sequência, em *Discurso das elites e racismo institucional*, de Van Dijk, flagram-se algumas pistas discursivas que evidenciam o papel das elites e instituições na (re)produção do racismo na sociedade europeia. O autor mobiliza o leitor para uma estratégia discursiva importante, realizada pelas elites ao afirmarem que elas nada têm a ver com o racismo, e que o preconceito e a discriminação são aprendidos/assimilados através do discurso político. O pesquisador mostra que na história do racismo esta classe sempre desempenhou um papel crucial para que a dominação étnica e racial prevalecesse. Decodificando assim, de maneira crítica, as práticas discursivas organizadas por elas no que refere ao chamado racismo institucional.

Já em *Durações históricas e sua relação com público e privado*, de Possenti, percebe-se referência à contribuição da noção de acontecimento, em Foucault, para a Análise do Discurso, como algo que é essencial em seu instrumental teórico – metodológico de análise desse tipo de corpus e, por essa razão, deve-se valorizar a História por oferecer condições para se pensar a respeito da produção dos discursos. O autor sinaliza que os estudos foucaultianos permitem dar novo sentido à essa noção de acontecimento e em sua análise ele indica/destaca dois aspectos em direção aos discursos sobre a mulher: a) discursos de curta duração como, por exemplo, charge e um discurso de assédio; b) discursos de longa duração como piadas envolvendo secretárias e gerentes ou de adultério envolvendo celebridades. Com isso, Possenti, tece argumentos sobre sua posição de analista do discurso e salienta que em seu trabalho analítico pretende valorizar as superposições de diferentes durações para marcar a posição discursiva e social dos sujeitos envolvidos nessa trama discursiva: discursos sobre a mulher.

Em *Intolerância, preconceito exclusão*, escrito por Barros, fica notabilizado que os estudos do discurso, com destaque para a semiótica discursiva francesa, auxiliam a autora na reflexão, no âmbito do Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos. Neste Núcleo percebe-se uma proposta teórico-metodológica construída para possibilitar o estabelecimento de discussões que envolvem: i) a relação da questão da exclusão, trabalhada sob o ponto de vista narrativo, como uma sanção pragmática, nos discursos intolerantes e seu caráter intenso de paixão; ii) a operação de triagem por exclusão, sob o aspecto da construção das línguas nacionais nas gramáticas e, por último, iii) o papel desses estudos na produção de conhecimento sobre preconceito, a intolerância e a exclusão, como eixo temático de pesquisa. Dá-se destaque neste trabalho aos discursos intolerantes que versam sobre o não cumprimento de certos contratos sociais, na situação de branqueamento da sociedade, a noção de pureza da língua, a heteronormatividade que circulam discursivamente na sociedade que vivemos.

No texto *Política da desigualdade no Brasil: adolescentes em situação de rua*, de Garcia, descortina-se as circunstâncias de desigualdade de adolescentes em situação de rua evidenciando como eles tornam-se herdeiros da pobreza dentro do sistema sociopolítico brasileiro. Investiga-se, sob o paradigma da Análise Crítica do Discurso, as condições estigmatizadas de vida em paralelo com as práticas discursivas legais de proteção ao sujeito de direito, chamado de adolescente, para indicar a história deles de situação de vida na rua. A autora traz para cena enunciativa deste capítulo, sob o signo da Economia, as vozes que comprovam a miséria e a pobreza desses sujeitos. Ademais, Garcia constrói uma crítica sobre dados que revelam como determinadas situações são construídas ideologicamente para anunciar os efeitos benéficos e maléficos do tratamento a esses “sujeitos” nos noticiários da Mídia.

Em *O poeta e camponês: o impossível ponto de vista do dominado*, de Maingueneau, assimila-se que o analista do discurso, ao escolher os *corpora* de discursos políticos ou midiáticos deixa explícito o interesse pelo discurso que o dominante tem pelo dominado. Por esse motivo, deve-se levar em conta as coerções impostas pelo tipo e gênero de discurso. O autor escolhe um poema do século XX para analisar a questão da noção de campo discursivo explorando neste poema a relação do burguês, do artista e do povo para detectar os lugares ocupados por cada um desses sujeitos no e pelo discurso com vistas à percepção da relação de dominação. Com isso, analisam-se discursiva e linguisticamente as questões de identificação, de disjunção, de representação do dizer envolvendo os padrões discursivos no sentido do interdiscurso que entretecem poeta, camponês, burguês e o povo.

No *Dar a palavra: da reportagem radiofônica à ficção documental*, de Ducrot, constata-se que a análise empreendida neste capítulo vai na direção de registrar a voz dos desfavorecidos. O objeto de pesquisa é um Programa da Rádio *France Culture*, que na categoria documentário, por meio da estratégia do depoimento, propaga a voz das “pessoas que vem de baixo”. Neste estudo, a intenção do autor é privilegiar as formas de resistências dos pobres aos discursos estabelecidos. Além disso, com essa análise pretendeu-se demarcar a luta contra a opressão, a luta pela vida, e salientar a atitude de resiliência sobre as adversidades do viver que muitas vezes são colocadas nas (in)visibilidades e, em especial, quando se trata de atitudes consideradas politicamente (in)corretas para uma dada sociedade.

Em *Narrativa de vida e construção da identidade*, de Machado, nota-se que existe uma proposta de se pensar a respeito da vida de pessoas marginalizadas e ou menosprezadas na cidade de Paris. São relatados no texto dois espaços de tempo diferentes, situando sujeitos: um está localizado no século XV (poeta da baixa Idade Média), enquanto o outro aparece

situado no século XXI (homem deprimido sem moradia fixa). A autora recorre a conceitos dos estudos da linguagem marcadamente da análise semiolinguística do discurso e, também aos de identidade e narrativa de vida para indicar como esses sujeitos, em situação de marginalização, podem ao dizer assumir uma identidade por meio de ironia, do discurso relatado e de emoções modalizadas, além do seu lugar no discurso, tanto na poesia quanto na mídia. Esta é uma tentativa de construir uma saída para a experiência de dor, orgulho massacrado, sensação de inutilidade para enfim (re)definir uma posição identitária que possa ser permeada por esperança, no caso do homem sem moradia e a memória de esperança, no caso do poeta do século XV.

Em *Afetividade no discurso populista*, de Bolívar, percebe-se que o discurso político é objeto do discurso investigado, especialmente, das forças que mobilizam a política: a afetividade e as emoções. Tomando a análise do discurso populista, a autora considera que é preciso identificar as estratégias discursivas provenientes dos tipos de afetividades, produzidas nos modos de dizer do líder populista Hugo Chávez, em interação com os outros que integram este cenário enunciativo. Bolívar indica e interpreta com base nos estudos da Psicologia, da Sociologia e da Análise do Discurso, a afetividade como um modo de significação e entende que se pode realizar uma avaliação desse modo tomando as representações e os imaginários advindos delas. Essas representações discursivas estão presentes no dizer do líder venezuelano, que se recandidata à presidência do seu país, pela terceira vez, depois de 14 anos no poder. A autora destaca que ele tece considerações de cunho emocional e afetivo em direção às pessoas que junto dele participam do diálogo na política: atores políticos e cidadãos, e o adversário político, o outro candidato, Henrique Capriles.

No *Mulheres e emoções em cena*, de Lima, a temática discursiva sobre o amor e o abandono possibilita uma análise de dois trabalhos de Aïnouz, cineasta brasileiro, que possibilita às mulheres o lugar de privilégio na cena cinematográfica. Partindo do trabalho desse diretor, a autora mostra que as personagens femininas, nos filmes *O céu de Suely* e *O abismo prateado*, são retratadas a partir de narrativas flutuantes e dos dramas cotidianos de cada uma. Com a intenção de captar os gestos de interpretação das personagens, este trabalho indica questões discursivas em relação às da identidade de gênero na sociedade contemporânea, mostrando a movimentação desses dois sujeitos – mulheres – que de maneira complexa transitam dinamicamente em um processo de construção social das emoções em cenas enunciativas diferentes.

Fechando as análises dos textos, em *Sentidos para a homossexualidade*, de Borges, fica evidenciado a discussão sobre o processo de posição identitária do indivíduo homossexual, a partir da análise de discurso, demonstrando os sentidos que são (re) significados por esses sujeitos, que empreendem mudanças subjetivas, individuais, a partir do discurso social, em direção ao “*ser homossexual*”. De maneira sagaz, a autora apresenta o ato de nomeação com base na teoria de Bourdieu, que nesse caso da homossexualidade os sujeitos ao se nomearem vão demarcando fronteiras e, por essa razão, vão constituindo-se historicamente. Neste capítulo, também é traçado um quadro sócio-histórico e cultural interessante com a intenção de identificar na história da sociedade ocidental quando a homossexualidade passa a ser considerada um estigma, mostrando assim os (é)feitos no meio social e para os indivíduos que estão se identificando com essa situação em sua sexualidade. Borges ainda menciona que o discurso social sobre a temática em direção à homossexualidade categoriza as pessoas atribuindo diversos sentidos. E, por fim faz uma análise do dizer de nove sujeitos, que se dispõem ao falarem de sua história e vivência enquanto se inserem na homossexualidade, principalmente, em relação aos seus vínculos afetivos estáveis.

Diante do exposto acima, a obra *Discurso e (des) igualdade social* apresenta com profundidade investigações e pesquisas teóricas sobre a questão do discurso e como a (des) igualdade social contribui significativamente para se pensar por meio dos estudos da Língua(gem), elementos importantes e relevantes sobre os modos de dizer de sujeitos considerados invisíveis na sociedade, dentre eles os pobres, as mulheres, negros, moradores de rua, pessoas que comentem atos transgressores, adolescentes, gays ambos desvalidos de sua condição identitária e que não tem voz e são dominados tanto na sociedade europeia como na latino-americana.

As autoras foram perspicazes ao convidarem pesquisadores de renome nacional e internacional dos diversos campos da Análise do Discurso, oferecendo aos leitores modos de (re)significar o discurso. E ao considerarem em toda a obra a importância da linguagem como (é)feito de uma prática social que atravessa a vida das pessoas nas diversas esferas, entre elas a política, sexual, situacional, institucional, social, comunicacional e cultural, deixam explícito sua posição político-ideológica. Esta é uma reflexão fundamental e necessária para estudiosos das áreas da Filosofia, Letras, Psicologia, do Direito e de todas as Ciências Humanas e Sociais, no que se refere à pesquisa e ao estudo da Linguagem.

A obra ainda leva o leitor a se questionar tal como Foucault no texto *A Ordem do Discurso*: “Mas, o que há enfim, de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde, afinal, está o perigo?” (FOUCAULT, 2013, p. 8).

Essa obra, ao trazer de maneira lúcida investigações e pesquisas teóricas sobre a questão do discurso e a (des)igualdade social, contribui significativamente para se pensar por meio dos estudos da Língua(gem) elementos importantes e relevantes sobre os modos de dizer de sujeitos considerados invisíveis social, histórica e culturalmente em nossa sociedade: pobres, mulheres, negros, moradores de rua, pessoas que cometem atos transgressores, adolescentes, gays e desvalidos e, por esse motivo não tem voz e são dominados tanto na sociedade europeia e a nossa, brasileira e latino- americana.

As autoras convidam pesquisadores de renome nacional e internacional para em diversos campos de Análise do Discurso para nos brindar com o seu modo de significar o Discurso e fazer-nos refletir sobre a importância da linguagem como (é)feito de uma prática social que atravessa a vida das pessoas em suas várias esferas: político, sexual, situacional, institucional, social, comunicacional e cultural. Essa é uma reflexão fundamental é necessária para estudiosos da área de Filosofia, Letras, Psicologia, Direito enfim de todas as Ciências Humanas e Sociais, quando se trata de pesquisar e estudar a Linguagem.

É uma obra que nos leva a indagar tal como Foucault em sua *A Ordem do Discurso*: “Mas, o que há enfim, de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde, afinal, está o perigo?”.

REFERÊNCIAS

LARA, Gláucia Proença; LIMBERTI, Rita Pacheco (orgs). **Discurso e (des)igualdade social**. São Paulo, Contexto, 2015.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France pronunciado em 2 de dezembro de 1970. São Paulo, Loyola, Leituras Filosóficas, 23^a. ed. 2013.